

*Para todos os futebolistas, especialmente os meus dois favoritos:
Lucas e Byers*

Agradecimentos

O processo de investigação e escrita deste livro foi muito agradável, a espaços excitante, e, sobretudo, gerou oportunidades de interagir com atletas e académicos, entre outros, de todo o mundo. A investigação começou em Portugal, e as primeiras paragens foram, como é hábito, a Biblioteca Nacional e a Torre do Tombo. Os funcionários de ambos os repositórios foram, como sempre, profissionais e prestáveis. Também realizei investigação, pela primeira vez, no Ministério da Educação de Portugal, onde os funcionários foram pacientes e solidários, assim como os membros dos serviços da Biblioteca Municipal de Coimbra. Enquanto estive sediado em Portugal, Adriano Cardoso e Luís Fazendeiro provaram ser excelentes assistentes de investigação, e ainda melhores companheiros de viagem, enquanto nos empenhávamos no processo de localizar e contactar antigos jogadores e treinadores espalhados por Portugal, e viajar – em carros alugados, de *ferry*, comboio, táxi, autocarro, metro, e, claro, a pé – para os entrevistar. O meu grande amigo Jorge Varanda participou também à sua maneira, e de várias outras formas. Por várias vezes, durante a minha série de viagens de investigação a Portugal, Nina Tiesler e Cláudia Castelo providenciaram dicas-chaves em vários aspetos desta história e foram generosas com o seu tempo e níveis de assistência. Tive também a sorte de ter conhecido o Nuno Domingos e o Rahul Kumar. Especialistas do futebol português – do passado e do presente –, assistiram-me com paciência enquanto eu lentamente entendia os desenvolvimentos e contornos desta fascinante história e providenciaram o tipo de ajuda que poderia sugerir que somos amigos desde sempre. Mesmo depois de este projeto terminar, espero continuar a interagir com o Nuno e o Rahul.

Quando a investigação transitou para África, Gil Filipe e Hélio Maúngue desempenharam papéis semelhantes aos de Adriano e Luís em Portugal; estou agradecido por ter trabalhado com ambos. Em Maputo, Moira Forjaz

apresentou-me a Paola Rolletta – autora de *Finta Finta* –, cujo conhecimento acerca do futebol moçambicano ultrapassa de longe o meu, e que demonstrou o mesmo tipo de paciência e ajuda que o Nuno e o Rahul em Portugal. Enquanto estive em Moçambique, Dave Morton fez várias apresentações-chaves e melhorou significativamente o tempo que passei lá, oferecendo constantes contribuições ao projeto.

Outros forneceram apoio fora dos locais do trabalho no terreno, incluindo Tom Paradise, que criou os dois mapas que aparecem no livro, e Marlino Mubai, que transcreveu a maior parte das entrevistas – uma tarefa exigente, como quem trabalhou neste projeto bem sabe. Davi Rufino também transcreveu parte dos testemunhos, e, no início, Szymon Ligas ofereceu ajuda na pesquisa.

O financiamento do projeto foi primordialmente providenciado por diferentes entidades da Universidade Augustana e, em particular, por uma série de bolsas concedidas pelo Freistat Center. O Center for Lusophone Research (CLR) / Council of American Overseas Research Centers (CAORC) também ofereceu financiamento num ponto crucial do processo de investigação, assim como a Universidade do Arkansas enquanto eu completava o manuscrito.

Gill Berchowitz, na Ohio University Press, merece uma menção especial, pelo papel central que desempenhou na publicação deste livro. Acreditou no projeto desde o momento em que examinou um esboço da proposta do livro que eu havia elaborado, e que era, sem sombra de dúvida, pouco refinado, mesmo que fosse, ao que parece, cheio de potencial. De seguida, os leitores anónimos do manuscrito identificaram aspetos importantes que, sem leituras atentas, teriam ficado certamente por retificar. E, como sempre, a equipa da Ohio University Press foi maravilhosa, ajudando-me durante as várias tarefas de produção e educadamente recusando a fazer comentários, mesmo quando eu repetidamente atrapalhava muitos dos seus elementos.

Como mencionei na abertura deste separador, o projeto levou-me inesperadamente a vários lugares, gerando inumeráveis apresentações a indivíduos de todo o mundo, tendo muitos deles contribuído de forma crucial para este texto. Frequentemente, este contributo essencial chegou na forma de comentários dados em palestras académicas. Nos Estados Unidos, ainda não é um popular – nem até, em alguns casos, um viável – tópico de estudo. E o futebol africano ainda menos. Mas, para lá das nossas fronteiras, há uma vibrante comunidade de estudiosos das várias disciplinas empenhada numa

AGRADECIMENTOS

pesquisa extremamente criteriosa e útil relacionada com o desporto. Através deste projeto, tive a sorte de conhecer muitos membros deste grupo em expansão. As suas contribuições podem, em última análise, ser individualmente imensuráveis, mas, coletivamente, as suas opiniões e sugestões aprimoraram muito este livro.

Sou também extremamente grato aos meus informadores, que tiraram um tempo para se sentar comigo e discutir detalhadamente as suas experiências. Os seus testemunhos dão vida à narrativa, e a sua generosidade e a sua candura formam a espinha dorsal desta obra. Lamentavelmente, pelo menos três dos antigos jogadores que entrevistei faleceram desde então. Ser-lhes-ei eternamente grato por terem despendido algum do seu precioso tempo que restava para se sentarem pacientemente comigo e relatarem aspetos das suas vidas que habitualmente os afastavam dos estádios, dos fãs e das luzes da ribalta.

Finalmente, sou grato por todo o apoio incondicional que a minha família me prestou ao longo deste processo. Quando comecei o projeto, o nosso filho mais velho, Lucas, tinha apenas dois anos; e o seu irmão mais novo, Byers, estava ainda a dois anos de se juntar a nós. Entre esse tempo e agora, eles cresceram e tornaram-se crianças maravilhosas, assim como entusiasmáticos jogadores e fãs de futebol. Durante o verão de 2016, juntámo-nos fielmente em volta da televisão do nosso apartamento em Lisboa para nos sintonizarmos em cada um dos jogos de Portugal no Euro-2016. Um desinspirado início de torneio não sugeria que estaríamos a gritar de alegria – junto com o resto do país – quando o remate do Éder iludiu o Hugo Lloris no minuto 109 da final e, novamente, quando o último apito soprou. Desta maneira, e em tantas outras, o futebol aprofundou a nossa união familiar e compromisso uns para com os outros. Como sempre, a minha maravilhosa mulher, Julianna, está no centro da família, impulsionando-a incansavelmente para a frente todos os dias, mesmo que os seus «três rapazes» gerem constantes impedimentos para esse avanço. Se o meu nome na capa é o equivalente a um avançado que desfruta de toda a glória imediatamente após marcar um golo, foi a Julianna que fez o passe decisivo que desbloqueou a defesa e facilitou um simples encosto para as redes. Discretamente feliz, depois do golo, ela volta de forma despreocupada à sua posição no campo, esperando que os festejos terminem e o jogo recomece; ela justifica todo o mérito, mas não o procura.

SEGUINDO A BOLA



Portugal e as suas antigas colónias em África

Introdução

Lembro-me de falar com um colega meu português, no trabalho em Moçambique, sobre a minha iminente partida para jogar no Sporting Clube de Portugal, e de ele me dizer: «Quando lá chegares, serás um homem. Um jogador de futebol em Portugal é alguém muito importante».

– HILÁRIO DA CONCEIÇÃO, 2013

Em 1965, fui o primeiro jogador de África e de Portugal a vencer o prémio de Melhor Jogador do Mundo. Para mim foi uma enorme responsabilidade... Tive a noção da importância do prémio, porque nessa altura eu tinha 23 anos – idade suficiente para perceber a honra e a responsabilidade desse feito. Representava África e Portugal, que nunca tinham tido um futebolista que recebesse tamanha condecoração.

– EUSÉBIO DA SILVA FERREIRA, 2004

Quando o famoso jogador de futebol¹ Eusébio deixou o campo após a derrota de Portugal por 2-1 frente à Inglaterra nas meias-finais do Campeonato do Mundo de 1966, estava lavado em lágrimas, apertando impetuosamente a sua camisola vermelha e verde – as cores nacionais de Portugal (ver figura I.1). No entanto, Eusébio da Silva Ferreira não havia nascido ou sido criado na nação ibérica; era moçambicano, e foi um dos muitos africanos que trilharam o seu caminho das colónias portuguesas para a metrópole para mostrarem os seus dotes atléticos, desde o final de 1940 até ao término da era colonial, em 1975. Como Eusébio, muitos destes jogadores de futebol africanos tinham desempenhos espetaculares dentro de campo, aumentando significativamente o prestígio dos seus clubes e elevando a seleção portuguesa a patamares sem precedentes, o que lhes valeu o direito a subsistirem entre os maiores futebolistas de todos os tempos.

SEGUINDO A BOLA



Figura I.1. Eusébio a sair de campo após o jogo contra a Inglaterra no Mundial de 1966

Enquanto Eusébio e os portugueses, por toda a parte, se lamentavam após a saída da Seleção do Campeonato Mundial de 1966, na sequência da partida que viria a ficar conhecida como «Jogo das lágrimas», o país estava simultaneamente envolvido em questões mais graves. Tendo ignorado os «ventos de mudança» que haviam anunciado o abandono dos territórios imperiais em África por parte das nações europeias no final dos anos 50, desde o início da década de 60 que Portugal tentava suprimir ativamente as insurgências armadas em três das suas cinco colónias: Angola, Moçambique e Guiné (as outras duas, Cabo Verde e São Tomé, permaneceram relativamente calmas). Ao contrário de outras nações colonizadoras europeias, o regime ditatorial português, o Estado Novo, resistia de forma intransigente à crescente pressão internacional para descolonizar, prendendo-se numa batalha para manter as suas propriedades em África. A insistência do Governo na integração territorial – e, consequentemente, racial – de Portugal e das suas colónias africanas era central para a sua campanha de relações-públicas, tentando

INTRODUÇÃO

desta forma legitimar e manter o império. Assim, as reformas que facilitaram a transferência de jogadores africanos para a metrópole eram, pelo menos em parte, motivadas politicamente, visando apaziguar os críticos externos de Lisboa, em vez de afrouxar verdadeiramente as restrições sociais e liberalizar a sociedade colonial. A inclusão de jogadores africanos, como Eusébio, em clubes portugueses e na Seleção Nacional e o seu contínuo sucesso a nível continental e internacional constituíam uma valiosa publicidade para um regime do Estado Novo cada vez mais em apuros, sendo essa integração utilizada para evidenciar a suposta união entre a metrópole e as colónias e as oportunidades de mobilidade social de que os cidadãos africanos alegadamente usufruíam.

Este livro examina as experiências destes atletas africanos quando começaram a mudar-se para Portugal, em 1949, até à conclusão da era colonial, em 1975, debruçando-se também sobre como geriram esse ambiente politicamente carregado e consolidaram o seu futuro após o futebol.² Embora fossem sempre minorias nos seus clubes em Portugal, os impactos destes jogadores a nível desportivo, social e político nas colónias, na metrópole e, por fim, no mundo ultrapassam largamente esses números modestos. Além da sua descomunal influência desportiva, também incutiram orgulho racial e nacional entre os seus compatriotas africanos e concomitantemente suscitaram estima por um Portugal cada vez mais atormentado. Na reconstrução das histórias internacionais dos jogadores, a narrativa segue as suas vidas desde os humildes, informais espaços futebolísticos da África colonial até aos campos bem tratados da Europa, enquanto se foca simultaneamente nos seus desafios e sucessos fora do campo. Ao examinar este espaço multicontinental num único campo analítico, *Seguindo a Bola* traz à luz as consistências e discrepâncias estruturais e experimentais através dos parâmetros constituintes, considerando também as vertentes e os processos do império. As experiências destes atletas também servem para esbater as linhas entre as realidades coloniais e a metrópole, enquanto os jogadores, clubes e notícias desportivas e táticas circulavam cada vez mais entre estes vários nós, revigorando as suas ligações históricas e levando-os a um diálogo mais próximo, mesmo enquanto os movimentos de libertação africanos lutavam para romper estas conexões imperiais. Este livro também interage com os processos globais, explorando não só a forma como os desenvolvimentos políticos e desportivos externos moldaram estas histórias lusófonas, mas

também como jogadores e clubes de todo o império português as articularam localmente.

Embora este estudo tenha como tópicos centrais o futebol e os seus praticantes, também abre uma janela para as relações sociais nas sociedades coloniais e metropolitanas, incorporando o desporto nestes contextos históricos mutáveis e esclarecendo as maneiras como os jogadores africanos forjaram relações cooperativas e simbióticas através de clivagens aparentemente intransponíveis. O racismo institucionalizado moldou profundamente as interações sociais nas colónias portuguesas, mas os laços significativos e duradouros que estes jogadores forjaram com colegas de equipa, fãs e funcionários dos clubes sugerem uma complexidade nas relações raciais, tanto nas colónias, como na metrópole, que contradiz as versões redutoras. Para lá deste espectro relacional, os jogadores frequentemente assumem papéis como intermediários sociais e culturais, operando entre uma variedade de segmentos e estratos sociais em África e na Europa. Em última análise, explorando a forma criativa como estes jogadores tiraram partido das oportunidades geradas por mudanças nas paisagens políticas e ocupacionais nas décadas decrescentes do império português, o livro tem como objetivo acelerar a reconsideração das relações e dos processos sociais no final da África colonial lusófona, assim como no núcleo metropolitano, enquanto abre novas maneiras de pensar sobre o desporto, a sociedade e o poder neste período crucial da história global.

Da África para a Europa: navegando pela metrópole

Embora o regime português tenha sancionado a deslocalização de jogadores africanos devido às suas capacidades atléticas, considerou-os também recursos valiosos num cenário político-global cada vez mais tenso. Assim, mesmo enquanto o regime progressivamente enfatizava o papel do futebol como um dos três pilares da nação, ao lado do fado e de Fátima³ – os denominados «três F» –, a polícia secreta do Estado monitorizava atentamente as ações dos jogadores. Mesmo as reformas trabalhistas que facilitaram a migração dos jogadores para Portugal foram, em última análise, igualmente restritivas. Por exemplo, apesar do interesse constante dos clubes de toda a Europa em assegurar as assinaturas destes futebolistas africanos, o regime

INTRODUÇÃO

recusou-se a permitir as transferências para o estrangeiro, chegando mesmo a classificar Eusébio como «património/ativo nacional», para impedir a sua saída. Essa relutância em permitir que os atletas praticassem o seu ofício noutras lugares contradizia a propaganda autocongratulatória do Estado Novo sobre a expansão das liberdades dentro do império que esses migrantes do futebol supostamente simbolizavam.

Para além das restrições geográficas, os jogadores africanos enfrentaram uma série de desafios associados à sua migração de longa distância. Tendo suportado longas viagens para Portugal, recém-afastados de amigos e familiares, e empurrados para um clima que a maioria deles achou desagradável, muitos atletas inicialmente sentiam saudades das suas terras natais. Um desses casos, José Maria, que veio de Angola e viajou pela primeira vez para Portugal em dezembro de 1962, para jogar pelo Vitória de Setúbal, explicou: «Eu sabia que ia ser mais frio... Mas nunca imaginei que fosse tão mais frio. Isso afetou negativamente a minha carreira quando cheguei. Queria correr, mas não conseguia, porque sentia o vento frio a tocar na minha pele como lâminas... Pensei que ia morrer».⁴ Apesar dos terríveis obstáculos climáticos que enfrentaram, a grande maioria dos atletas migrantes acabou por se adaptar bem, ajustando-se aos seus novos ambientes e obtendo sucesso tanto dentro como fora do campo. Muitas vezes, permanecem em Portugal mesmo depois de terminadas as carreiras de jogadores.

Este sucesso transitório deveu-se, no entanto, a mais do que à capacidade atlética dos jogadores. A sua integração geralmente estável na sociedade metropolitana, a decisão de apostar na sua aptidão para migrar para uma série de oportunidades educacionais e remuneradas – cujos benefícios perduraram até muito depois de as suas capacidades atléticas se desvanecerem – e a capacidade de gerar e manter uma genuína adoração junto de um clube de fãs que se estendia da metrópole até às colónias (e mais além) requeriam muito mais do que apenas um excelente talento futebolístico. Eu defendo que estes jogadores navegaram tão habilmente no seu novo ambiente devido a uma série de estratégias adotadas, incluindo: a cooperação numa série de divisões sociais e raciais; a interiorização dos costumes portugueses antes da sua chegada; o emprego de táticas laborais aprendidas ou observadas nas colónias; e um apolitismo inabalável, mesmo quando as guerras pela independência estavam furiosas nas colónias africanas de Portugal – as suas pátrias.

A maior parte do comportamento estratégico que sustentou o sucesso social e atlético dos jogadores na metrópole foi desenvolvido nas colónias, muito antes de os migrantes chegarem a Portugal. Como membros de clubes de bairro e de equipas com poucos recursos ao longo de uma série de municípios africanos, os jogadores começaram a estabelecer as relações pessoais que os viriam a ajudar enquanto sucessivamente iam subindo os estratos do futebol colonial e metropolitano. Embora as relações sociais fossem inicialmente cultivadas entre amigos do bairro, à medida que iam subindo de nível, os plantéis das suas equipas lidavam com cada vez mais diversidade racial, religiosa e geográfica.

Estes novos companheiros de equipa forneceram um apoio indispensável aos jogadores à medida que estes transitavam de praticantes casuais para atletas profissionais, comprometendo-se em quantidades crescentes de tempo para melhorar as suas habilidades futebolísticas. Embora o futebol nas colónias portuguesas se tenha desenvolvido inicialmente de forma estritamente racial e, portanto, em paralelo, após a Segunda Guerra Mundial o desporto começou a constituir um espaço mais diversificado e inclusivo. As experiências em equipas integradas nas colónias seriam muito úteis aos jogadores africanos após serem transferidos para clubes da metrópole, uma vez que, apesar de se encontrarem cada vez em maior número, nunca superaram os seus colegas brancos em nenhum dos emblemas portugueses.

Se o facto de terem feito parte de plantéis africanos que apresentavam diversidade demográfica ajudou estes jogadores a integrarem-se socialmente na sua chegada à metrópole, a exposição significativa à cultura portuguesa nas colónias foi igualmente vital. De facto, praticamente todos os clubes africanos a que estes jogadores estavam vinculados antes de serem «descobertos» tinham treinadores portugueses e estavam invariavelmente localizados em centros urbanos, marcados pela colonização europeia. Consequentemente, cada um destes futuros migrantes passava o tempo em espaços intensamente colonizados e estava, portanto, exposto aos costumes e valores portugueses antes de partir do continente.

Adicionalmente, muitos destes jogadores eram membros de uma extremamente pequena minoria semiprivilegiada nas colónias portuguesas, conhecida como *assimilados*. Até 1961, quando o regime do Estado Novo abandonou esta classificação, os africanos que o Estado considerava suficientemente portugueses no que respeita à língua, à cultura, à religião, etc.,

INTRODUÇÃO

podiam candidatar-se a esta designação, que, por sua vez, lhes conferia um estatuto jurídico especial e intermédio. Os assimilados beneficiavam tipicamente de oportunidades ao nível da educação de outra forma raras e eram habitualmente descendentes de pais portugueses e mães africanas, sendo conhecidos como mestiços. Em 1950, embora menos de 1 % dos colonos no império português fossem oficialmente «assimilados», quase 90 % dos mestiços eram-no.⁵ Não é coincidência que muitos dos futebolistas africanos que se deslocaram para Portugal derivavam de população inter-racial; para estes jogadores, o processo de integração cultural começou ainda antes e era, por natureza, mais profundo.

Os atletas imigrantes também facilitaram ativamente o seu sucesso na metrópole ao seguirem uma miríade de estratégias ocupacionais. Se os jogadores africanos, essencialmente, se adaptavam – ou integravam – a nível cultural e social com poucas dificuldades, uma série de criativas estratégias laborais, a curto e longo prazo, que haviam previamente empregado ou simplesmente observado e interiorizado nas colónias ajudaram-nos a capitalizar na máxima extensão possível as suas novas oportunidades. De certa forma, o estatuto de superestrela de que muitos dos jogadores gozavam ajudava a encobrir tanto a sua existência fundamental enquanto assalariados, como a sua dependência de estratégias derivadas, ou mesmo imitadoras, daquelas que os trabalhadores africanos nas colónias portuguesas haviam empregado durante décadas, se não mais. Por exemplo, antes de abandonarem África, muitos aspirantes a jogadores de futebol procuraram aconselhamento junto de futebolistas que já tinham migrado para Portugal, questionando-lhes geralmente quais eram os clubes que ofereciam as melhores condições de trabalho e de vida. Munidos deste conhecimento, muitos seguiram os passos dos atletas que os precederam, aproximadamente análogos a um dos inúmeros moçambicanos e angolanos que trabalharam nas minas da África do Sul durante o período colonial, solicitando informações profissionais a um trabalhador migrante regressado ao país de origem e, em seguida, visando uma atividade específica para emprego. Uma vez estabelecidos na metrópole, estes futebolistas também solicitavam conselhos a colegas mais experientes (isto é, colegas de equipa) quando renegociavam os seus contratos. Muitos jogadores também se envolviam em migração secundária, filiando-se subsequentemente numa série de diferentes clubes portugueses, assim como os trabalhadores das minas migrantes deliberadamente mudavam de

empregadores, num esforço para melhorar as suas condições de trabalho. Assim, mesmo quando mudavam para uma zona profissional drasticamente diferente, esses futebolistas africanos recorriam a táticas bem estabelecidas. Os trabalhadores indígenas de todo o império africano de Portugal não encontravam nem as estratégias básicas de ocupação, nem as estratégias migratórias que esses imigrantes do futebol empregavam de forma totalmente desconhecida.

Os caminhos de migração secundários que estes atletas percorriam nem sempre implicavam simplesmente trocar um clube por outro. Em vez disso, muitos dos futebolistas apostavam na possibilidade de viajar para Portugal para continuar os seus estudos, na esperança de receberem uma educação que, por sua vez, os poderia servir muito depois de a sua capacidade atlética se desvanecer. A demanda por um diploma no ensino superior tinha sucesso, principalmente, se jogassem pela Académica, localizada na cidade de Coimbra, no centro do país. Este clube de futebol estava associado à mais importante universidade de Portugal, a Universidade de Coimbra, e durante a era colonial a sua equipa de futebol era composta apenas por estudantes matriculados. Mário Wilson, que chegou a Portugal em 1949, vindo de Moçambique, foi um dos muitos futebolistas migrantes de África a reconhecer ter buscado estrategicamente esta opção educacional: «Vim para jogar pelo Sporting [Clube de Portugal]. Mas só lá estive um ano, apesar de ter sido o melhor marcador nessa temporada. Senti que o futebol não era a solução; ninguém atingia a independência financeira [apenas] a jogar futebol... Então, fui estudar para Coimbra e joguei também durante muitos anos pela Académica na Primeira Divisão».⁶

Outros futebolistas africanos procuraram a segurança pós-futebol através de um emprego a longo prazo na CUF (Companhia União Fabril), um conglomerado industrial localizado perto de Lisboa, que exigiu que os membros da equipa da primeira divisão que patrocinava fossem empregados da empresa, garantindo-lhes também empregos após o término das suas carreiras. Embora nem a Académica nem a CUF fossem particularmente competitivas dentro do campo, em ambos estes cenários as estratégias de migração secundária que os jogadores utilizaram para garantir oportunidades académicas e de emprego constituíram um pensamento providente que sacrificou a (potencial) glória atlética a curto prazo, em prol da garantia financeira a longo prazo.

INTRODUÇÃO

Enquanto estes jogadores estrategicamente aproveitavam oportunidades educativas e remuneratórias em Portugal, também navegavam habilmente nos ambientes politicamente carregados, tanto na metrópole, como nas colónias que fomentavam as guerras pela independência. Consequentemente, não eram vistos nem como subversivos em Portugal, nem como fantoches políticos pelos seus irmãos africanos que estavam a lutar – e, literalmente, a morrer – pela independência. Embora muitas vezes num dilema interior, o profissionalismo e a determinação dos atletas no sentido de melhorarem as suas vidas reforçavam o seu apolitismo conspícuo ao longo deste período turbulento. Assim, apesar da sedução para se tornarem potenciais símbolos nacionalistas para os vários movimentos de independência africana e do regime português, não serviram nem as insurgências nem a contrainsurgência, permanecendo amplamente respeitados e admirados tanto nas colónias como na metrópole.

Importância histórica

Os estudiosos estão a envolver-se cada vez mais em tópicos relacionados com o futebol e África, gerando um corpo de literatura novo, mas em crescimento.⁷ Esta tendência é evidente também no contexto lusófono, com este projeto a contribuir para o *corpus* emergente.⁸ Embora as conquistas em campo de jogadores africanos que migraram para Portugal durante a era colonial tenham aparecido anteriormente em várias homenagens – hagiografias virtuais –, este estudo é o primeiro a considerar estas experiências diárias dos atletas para lá das paredes dos estádios, longe das multidões de espectadores a aplaudir e de biógrafos elogiosos.⁹ De facto, *Seguindo a Bola* constitui o compromisso académico inicial com esta corrente de atletas migrantes de renome que começou a era dourada do futebol português, contribuindo simultaneamente para a modelação de um sistema de futebol global em evolução, em que as fronteiras nacionais são cada vez mais imateriais.¹⁰ Esta tardia consideração académica contrasta fortemente com a considerável atenção que os futebolistas africanos que jogaram em França durante o período colonial e, em particular, a sua atividade política radical receberam.¹¹ Embora o meu estudo seja fundamentado por esta bolsa, não associa o destino e os locais de origem dos migrantes lusófonos a políticas

revolucionárias, mas a estratégias ocupacionais duradouras e ao processo alargado de integração cultural.

Na secção seguinte, esboço a mais alargada utilidade historiográfica, analítica e epistemológica de cinco aspetos das histórias destes futebolistas africanos, incluindo o seu carácter político estratégico e comportamento; o seu compromisso social através de uma série de divisões bem estabelecidas; o seu papel como intermediários culturais; a sua importação e aplicação de estratégias laborais na metrópole, que facilitaram o sucesso tanto dentro, como fora do campo; e os seus objetivos de desenvolvimento pessoal face à exploração colonial e, por fim, neocolonial. Através de uma análise destas características distintivas, este livro move estudos futebolísticos em novas direções novelescas, fazendo também contribuições úteis em vários campos académicos que vão muito além do reino do futebol africano.

I. Estudiosos da história do futebol em África têm estabelecido de forma convincente que, embora os europeus tenham introduzido o jogo, os praticantes indígenas eram consumidores pouco passivos, contestando vários aspetos e criando novos significados da modalidade.¹² O trabalho pioneiro de Fair e Martin, entre outros, identificou astutamente as dimensões nacionalistas e protonacionalistas do futebol na África colonial britânica e francesa; reconstruiu de forma perspicaz a contenção sobre o tempo de lazer e os limites do controlo europeu; e analisou legitimamente o futebol como uma «zona de luta». Mais recentemente, Alegi, Bittencourt e outros têm-se baseado nestes estudos fundamentais.¹³ De forma muito mais hiperbólica, Goldblatt afirmou que, «em todo o continente, os africanos viraram o jogo dos colonos contra eles» e que «as lições ensinadas dentro e fora do campo viraram-se [recentemente] contra o colonialismo».¹⁴ E, talvez nos exemplos mais extremos da politização do futebol, Lanfranchi, Taylor, Wahl, e outros haviam considerado os jogadores africanos francófonos que abandonaram França para abertamente apoiarem o confronto pela independência argelina.¹⁵

Ao continuar a destacar o ativo, embora menos conflituoso, envolvimento africano com o desporto, Domingos e outros demonstraram que os praticantes indígenas se apropriaram essencialmente do jogo, atribuindo-lhe significados não intencionados por aqueles que o haviam originalmente apresentado. Como parte deste processo, os jogadores africanos produziram estilos únicos, muitas vezes «crioulizados», que

INTRODUÇÃO

refletiam os valores estéticos locais e tipicamente se caracterizavam por um «talento» performativo largamente ausente nas versões europeias desta atividade.¹⁶ Além desses padrões de alteração e transmutação, Fair, Alegi e Moorman, entre outros, mostraram que, após serem banidos de clubes e associações brancas nas colônias, os jogadores e coordenadores africanos formaram equipas e ligas próprias, que ajudaram a promover o desenvolvimento de identidades oposicionistas distintas (locais e nacionais) e, concomitantemente, a consciência política.¹⁷ Em certos casos, este empreendimento autónomo da organização desportiva simulava o processo de instituição, construindo um estado pós-colonial imaginário.

Este livro baseia-se na referida bolsa de estudo, mas, em vez de destacar a apropriação, a contestação, ou mesmo a política de libertação, explora as formas como os jogadores de futebol africanos adotaram os estilos e convenções europeias e o microcosmo das populações coloniais mais amplas – tanto colonizadores, como indígenas – aceitou os clubes de futebol portugueses e as suas filiais locais. Esta disponibilidade não constituiu nem uma capitulação *gramsciana* do poder cultural induzida hegemonicamente, nem uma *fanonesca*, reverente e, até, perversa e subconsciente emulação da comunidade dominante; pelo contrário, os futebolistas africanos lusófonos procuraram pragmaticamente oportunidades para melhorar as suas vidas e, por extensão, as das suas famílias, mantendo ainda identidades indígenas que, naturalmente, nunca foram estáticas na sua composição.¹⁸ Ao longo desses processos de compromisso, os jogadores permaneceram estrategicamente apolíticos à medida que transitavam de África para a metrópole, mesmo quando o seu sucesso desportivo proporcionava cobertura política, confiança e uma aparência de legitimidade – não importava quão falaciosa fosse – quanto ao projeto colonial português, cada vez mais sitiado. Embora reconhecendo as relações de poder assimétricas que existiam entre os atletas africanos e os responsáveis coloniais e metropolitanos dos clubes, a importância analítica da cooperação deliberada e intencional supera significativamente os casos muito menos frequentes de descontentamento ou confronto. Ao aplicarem incondicionalmente os seus conhecimentos desportivos a esta atividade de lazer estrangeira, os futebolistas criaram oportunidades

de mobilidade social e garantiram, finalmente, um bilhete (para alguns, permanente) para a fixação na sociedade metropolitana.

- II. Se estes jogadores cada vez mais começaram a juntar-se aos clubes tradicionalmente apenas de brancos nas colónias, a um nível mais pessoal eles também cooperaram, tanto em África, como na Europa, numa série de divisões raciais e sociais com colegas de equipa, adeptos e, em muitos casos, esposas. À medida que estes jogadores iam subindo as diferentes camadas do futebol colonial – durante o processo movendo-se espacialmente dos subúrbios predominantemente negros para os centros citadinos predominantemente brancos, para os seus jogos «em casa» –, experienciavam uma grande diversidade entre os colegas de equipa, que derivavam de diferentes bairros e províncias. De facto, ao longo do período colonial, o futebol tornou-se mais integrativo do que divisivo. Embora as diferentes origens dos jogadores e a não familiaridade, ou até mesmo rivalidade, daí resultante possam ter originado hostilidade noutros cenários, como companheiros de equipa qualquer identidade política se dissipava, perante os objetivos comuns e a camaradagem cultivada. Nos níveis de topo das ligas coloniais, e até mesmo mais profundamente em Portugal, os futebolistas africanos integrados nos clubes forjaram relações significativas e recíprocas com jogadores de descendência europeia, que, nestes contextos, problematizavam quaisquer entendimentos puramente antagónicos que existissem em relação à raça.

De facto, uma vez na metrópole, a proveniência servia como um vínculo social durável, transcendendo, erodindo, ou pelo menos atenuando divisões raciais. Também gerava uma espécie de solidariedade resiliente, na medida em que os jogadores mestiços e negros partilhavam uma série de experiências de formação com jogadores brancos das colónias – muitos dos quais também haviam viajado para Portugal para jogar e, como os seus colegas africanos, só tinham sido autorizados a fazê-lo depois dos ajustes burocráticos formais. De facto, os portugueses tinham sido muito ativos em Angola e Moçambique, por exemplo, durante séculos; e, portanto, os muitos jogadores brancos migrantes que estas comunidades colonizadoras produziram sentiam ligações mais fortes a África do que à *pátria* imaginada (terra natal), um lugar que muitos deles nunca haviam visitado. Um testemunho de Hilário, um futebolista mestiço que chegou a Lisboa, pela primeira vez, em

INTRODUÇÃO

1958, capta estas dinâmicas sociais e a importância vivencial da origem (africana e, mais especificamente, moçambicana):

«Jogadores de África – pretos ou brancos – que já estavam em Portugal sempre ajudaram muito, porque queriam ver os novos africanos a terem sucesso e triunfarem. Tinham uma ligação profunda com o continente e muitos preferiam ter ficado em África a ter viajado para Portugal, mas tínhamos de vir para jogar futebol. Portanto, nós apoiávamos todos os que vinham de África, dando conselhos ou aquilo de que precisassem. Gostávamos de nos ajudar uns aos outros. Não nos importávamos com a diferença de cor... Normalmente, quem quer que fosse de Moçambique tinha orgulho de ter nascido nesse país... Onde quer que estivéssemos no mundo, se houvesse alguém de Moçambique lá, seríamos ajudados; a «nação moçambicana» estará sempre lá para ajudar.»¹⁹

Embora os estudiosos tenham considerado as implicações da origem entre as comunidades imigrantes noutros lugares, exemplos de cooperação inter-racial nestas comunidades reconstituídas são raros, na medida em que as populações diaspóricas muitas vezes refletem e ativamente mantêm as divisões sociais preexistentes.²⁰ A minha ênfase na importância experimental da origem e, em particular, no seu papel transcendente em ajudar a facilitar e aprofundar a amizade intercultural entre estes atletas migrantes é construída tendo por base o trabalho de estudiosos que haviam examinado o desenvolvimento de genuínas relações inter-raciais e entre géneros na África colonial.²¹ No entanto, este livro estende-se para lá dos âmbitos analíticos e geográficos desse trabalho, ao adicionar exemplos intragénero que surgiram no continente, mas que também persistiram na diáspora. Embora os estudiosos tenham legitimamente desmentido o lusotropicalismo – a noção de que os portugueses estavam unicamente predispostos a interagir com os sujeitos colonizados por eles de uma maneira mais amigável, menos exploradora –, o compromisso destes jogadores numa multiplicidade de relações cooperativas e conciliatórias com os portugueses, tanto na metrópole, como no império, para melhorar as suas vidas sugere que o processamento mais complexo das relações raciais em ambas as configurações seja perpetrada.²²

III. Ao considerar as formas como atletas imigrantes de alto perfil ocuparam espaços liminares e, assim, colmataram lacunas na ciência colonial e metropolitana, este livro também se envolve com a extensa literatura relativa a intermediários africanos. Até agora, os estudiosos reservaram esta categoria para funcionários indígenas, soldados e polícias, e, às vezes, para as autoridades tradicionais – em suma, aqueles que ajudaram na entrega ou na facilitação de projetos coloniais.²³ A inclusão dos imigrantes do futebol africano amplia esta coleção de atores históricos. Nas colónias, os jogadores de futebol migrantes cada vez mais operavam de forma intermediária à medida que iam ascendendo para jogar em clubes predominantemente brancos nos centros urbanos, enquanto continuavam a residir nos subúrbios maioritariamente negros. E, na metrópole, como bem-sucedidos praticantes autóctones de um jogo europeu e de manifestações tangíveis de África numa altura em que poucos indivíduos do continente estavam presentes em Portugal, funcionavam rotineiramente como intermediários sociais e culturais. A sua capacidade de navegar, de vaguear e de se mover cada vez mais fluentemente entre os círculos africanos e europeus ajudou a corroer algumas das diferenças culturais perceptíveis entre estas comunidades.

De forma análoga aos funcionários africanos, soldados e polícias que «garantiam» o controlo colonial, o sucesso destes jogadores em filiais de clubes portugueses nas colónias – com os emblemas originais na metrópole – e, em alguns casos, na seleção de Portugal transmitiu a cultura desportiva nacional e intensificou muito o consumo (lusófono) africano da mesma. De facto, os africanos nas colónias cada vez mais, e entusiasticamente, se comprometeram com esta dimensão da cultura portuguesa, ouvindo transmissões dos seus clubes metropolitanos favoritos, lendo sobre os plantéis nos jornais, assistindo a jogos que as equipas portuguesas faziam nas colónias como parte das extremamente populares digressões de verão, e, em particular, seguindo atentamente os futebolistas africanos que jogavam na Europa.²⁴ Na prática, estes jogadores constituíam as ligações palpáveis entre a distante metrópole e as paragens africanas, laços familiares através dos quais o bem acolhido entretenimento, em vez da política colonial de exploração, era transmitido aos súbditos indígenas do império.

INTRODUÇÃO

Embora os estudiosos tenham tradicionalmente caracterizado os intermediários africanos como tendo fomentado projetos coloniais, prejudicando assim os seus companheiros subordinados imperiais, estes jogadores de futebol nem adotaram um comportamento predominantemente «colaborativo» nem resistente. Reconhecendo os papéis difíceis a que os futebolistas foram forçados como indivíduos que estavam familiarizados em várias culturas, compelidos a navegar numa coleção de configurações que caracterizavam vários graus de hostilidade racial, e simultaneamente exaltados por uma ampla gama de apoiantes de todas as origens, as suas experiências como intermediários sociais evidenciam um padrão de compromisso estratégico multidirecional. Em última análise, ao destacar as expressões recorrentes de cooperação e conciliação destes intermediários desportivos, este estudo problematiza ainda mais a «dicotomia interpretativa de resistência e colaboração» que analisa de forma redutora as ações dos africanos como assistentes do processo colonial ou obstrutivas a este.²⁵

- IV. Através de um exame das formas como estes migrantes africanos se basearam em habilidades ocupacionais na metrópole que tinham sido aprendidas nas suas terras natais, este livro também se envolve com a extensa literatura que traça a aplicação de conhecimentos e técnicas indígenas na diáspora. Estudos de Carney e Knight, por exemplo, demonstram como os africanos nas Américas empregaram técnicas e habilidades variadas para melhorar as suas vidas ou simplesmente para mitigar as dificuldades que muitos desses indivíduos marginalizados, ou mesmo escravizados, enfrentaram.²⁶ Este estudo estende a área de investigação para incluir não só as proficiências particulares, como também uma série de táticas de trabalho operativo a que os atletas emigrantes foram expostos ou que tinham praticado enquanto ainda estavam em África, tipicamente durante os empregos, não relacionados com o futebol, arrançados pelos seus clubes de futebol coloniais. Após a sua chegada à Europa, os jogadores aplicaram estas táticas de forma criativa ou recorreram a elas para inspirar novas estratégias profissionais.

Os futebolistas africanos exibiram também um tipo de profissionalismo na metrópole que tinham cultivado e interiorizado ao jogarem nas colónias, antes, portanto, de se tornarem praticantes remunerados.

Esta abordagem incluiu a adesão a horários de treino rigorosos e a cooperação com treinadores, companheiros de equipa e funcionários do clube. No entanto, esta ética também se estendeu à vida fora do campo, incluindo o compromisso com estilos de vida que não iriam minar ou comprometer as habilidades ou capacidades atléticas dos jogadores.²⁷ Na maioria dos casos, os treinadores portugueses em atividade nas colónias foram responsáveis por incutir esta abordagem ao jogo juntos dos aspirantes a talentos. Como ex-jogadores em Portugal, estes supervisores introduziram as táticas, estratégias e, talvez o mais importante, os regimes de formação que os jogadores africanos teriam de adotar se quisessem ter sucesso nos escalões de elite do futebol português, europeu e, eventualmente, mundial.

Se os praticantes indígenas tinham infundido o jogo com o teatro e artifícios – supostos componentes «do toque» que o jogo africano veio a ter como característica –, os aspirantes a jogadores tiveram de controlar estas tendências e demonstrar o tipo de disciplina atlética e abordagem tática exigida pelo desporto de alto nível. Nestas alegações, a minha análise diverge das conclusões tiradas, por exemplo, por Lanfranchi e Taylor, que argumentaram que «as habilidades particulares exigidas permitiram que os [futebolistas] africanos com níveis relativamente baixos de “ocidentalização” se tornassem bem-sucedidos em ambos os continentes. (...) Como a música, o futebol criou figuras populares (...) que progrediram sem (...) que fosse necessário treino para se adaptarem aos padrões ocidentais».²⁸ No contexto lusófono, a «ocidentalização» ocupacional dos jogadores era absolutamente vital para o seu sucesso em Portugal. O ex-jogador Hilário, que veio de Moçambique e atuou pela seleção portuguesa no Campeonato do Mundo de 1966, confirmou esta afirmação no testemunho que deu durante a nossa entrevista: «Em quase todas as equipas de Moçambique os treinadores eram portugueses... Quando deixei o país, aos 19 anos, já estava preparado para jogar no Sporting e na Seleção [de Portugal]... Na era colonial, a formação futebolística era melhor, os treinadores potenciavam ao máximo as nossas habilidades. Quando chegávamos a Portugal, podíamos jogar [pelas melhores equipas], e agora, se o melhor jogador de Moçambique vier para cá, tem de jogar na segunda ou na terceira divisão».²⁹

INTRODUÇÃO

V. Finalmente, um exame substantivo desses jogadores lusófonos também ajuda a desviar o foco académico dos «estados exploradores coloniais e neoimperiais» e dos «clubes predadores» – temas recorrentes na cultura do futebol africano – para os próprios atletas.³⁰ Ouvindo as motivações e os objetivos destes futebolistas migrantes, considerando as suas origens sociais e examinando as suas ações estratégicas, torna-se claro que as suas experiências não só refletiram, como também ativamente moldaram as interações e políticas coloniais e metropolitanas. Além disso, os salários que ganhavam nos seus clubes eram proporcionais à sua experiência, num sistema meritocrático (Eusébio, adequadamente, ter-se-á tornado o jogador com o mais elevado salário no país), e amplamente coerentes com os dos jogadores portugueses, já que muitos futebolistas de origem africana também capitanearam as suas equipas e até mesmo a Seleção Nacional. Do mesmo modo, a sua relação com o regime português era funcional para ambas as entidades, em vez de exploratória para cada uma, e mesmo as suas dimensões políticas permaneceram largamente subdesenvolvidas.³¹ Ao longo das suas carreiras, estes atletas exibiram um comportamento altamente pragmático e calculado, desmentindo uma passividade e uma vitimização próprias de uma relação «predatória».

Neste contexto, o meu estudo ecoa o trabalho dos estudiosos que rejeitaram as caracterizações redutoras de futebolistas migrantes africanos na Europa como «meros instrumentos de proprietários de clubes europeus», dissipando assim as noções de que eram vítimas de alegada exploração.³² Em vez disso, analiso-os como trabalhadores emigrantes – profissionais – que, com os olhos postos nas suas vidas após o desporto, estrategicamente ofereceram os seus préstimos àqueles empregadores – tanto nas colónias, como na metrópole –, que lhes ofereciam as melhores condições de trabalho. Como a mãe de Eusébio candidamente declarou após lhe terem perguntado porque é que o filho escolheu o Benfica em vez de outros clubes metropolitanos que fortemente o cortejavam: «O Benfica deu “muito dinheiro”». Estudos que fazem soar o alarme do êxodo histórico (e contemporâneo) dos futebolistas africanos correm o risco de ignorar as aspirações destes migrantes de melhorarem as suas vidas e as dos seus familiares, assim como milhões de africanos fizeram durante a era colonial e continuam a fazer hoje em dia.

Metodologia e fontes

Este livro baseia-se em materiais de arquivo, fontes de órgãos de comunicação populares, e entrevistas com ex-jogadores e treinadores, de maneira a reconstruir as experiências destes atletas africanos e a multiplicidade de contextos em que operavam. O Ministério da Educação de Portugal alberga as fontes arquivísticas mais úteis e perspicazes, nomeadamente, os registos da era colonial associados às transferências de jogadores de África. Este rasto de documentação é particularmente elucidativo acerca do período que cobre o desenvolvimento, na década de 1940, da deslocação de futebolistas africanos para Portugal, na medida em que apresenta debates entre autoridades metropolitanas e coloniais e representantes dos clubes portugueses mais poderosos, incluindo Benfica, Sporting, Porto e Belenenses, que cobiçavam as potenciais estrelas. Durante os anos 40, sentindo que o Governo do Estado Novo poderia estar recetivo às importações de atletas, os clubes metropolitanos começaram a apresentar recursos formais à administração para permitir a sua deslocação. Embora cada uma das eventuais transferências de jogadores para a metrópole tenha exigido uma série de documentação em anexo, estas fontes mostram-se mais esclarecedoras nos casos em que surgiram problemas durante os processos de transferência. Questões recorrentes incluíam disputas sobre taxas, a competição entre clubes por um determinado jogador, e pedidos dos jogadores para se mudarem para um local específico, muitas vezes para viverem com parentes ou continuarem os estudos. Nessas situações, o rasto de papel apresenta uma série de entidades contribuidoras e oferece detalhes consideráveis, que se mostraram extremamente úteis para reconstruir a vida do jogador. Os *media* populares também constituíram material de pesquisa extremamente esclarecedor. Os jornais portugueses da época não só fornecem comentários sociais e desportivos, como também entrevistas com os futebolistas, mesmo que as declarações deles se refiram principalmente a eventos dentro de campo. Muito mais esclarecedora foi a extensa iniciativa de panfletos intitulada *Ídolos*, publicados como uma série em Portugal durante os anos 50, 60 e 70, com cada edição a contar com um determinado atleta de uma das mais variadas modalidades desportivas, incluindo o futebol. Estes folhetos incluem informações biográficas, histórias pessoais, entrevistas e fotos. E, apesar de muitos destes «ídolos» serem atletas brancos portugueses, foram

INTRODUÇÃO

incluídos na coleção também alguns jogadores nascidos em África. Embora o teor da série *Ídolos* fosse leve e naturalmente comemorativo, os futebolistas africanos ofereceram respostas cândidas às típicas perguntas «gosta de» e «não gosta de» acerca da vida em Portugal e de como eles passavam o tempo fora do campo nas suas vidas diárias – de que se revestia a sua vida social.

Apesar de todas as perspetivas que fornecem, estas fontes continuam, no entanto, a ser limitadas em várias questões importantes. Primeiro, embora muitas das fontes dos meios de comunicação populares incluíssem vozes africanas, a manifestação honesta de opiniões políticas, ou acerca de outros tópicos relativos «à segurança nacional e à proteção», era impossível durante o regime ditatorial do Estado Novo. Como tal, os comentários fornecidos pelos jogadores aos jornais eram habitualmente muito bem vigiados e concentrados em torno de assuntos «seguros», nomeadamente, as suas façanhas desportivas. Da mesma forma, a menção de assuntos políticos nos panfletos da *Ídolos* está, visivelmente, como seria de prever, ausente. Em segundo lugar, os materiais escritos oferecem apenas breves, e muitas vezes superficiais, vislumbres da vida dos jogadores. Essas limitações impedem uma reconstrução das suas experiências fora do campo, incluindo, virtualmente, a totalidade do seu tempo nas colónias antes de se mudarem para Portugal, bem como o seu dia a dia já na metrópole, para além das poucas horas semanais que passavam na ribalta, durante os jogos. Como tal, o testemunho oral constitui material probatório essencial para este estudo. Reuni estes artigos a partir de uma série de fontes diferentes, incluindo entrevistas recentes dadas pelos jogadores e que figuram em jornais, vídeos e outras publicações. Ainda mais útil foi o recém-lançado livro *Finta Finta*, que oferece breves esboços biográficos dos trinta e um maiores futebolistas moçambicanos de todos os tempos (uma lista que inclui uma série de jogadores do período colonial). Como parte desta iniciativa, a autora, Paola Rolletta, entrevistou alguns dos futebolistas perfilados no *Finta Finta* e incorporou periodicamente excertos dos seus testemunhos no texto.³³

Muito mais perspicazes do que qualquer uma das fontes acima mencionadas, no entanto, foram as entrevistas que realizei em África e na Europa com antigos jogadores, os seus colegas de equipa e treinadores portugueses, e membros da, ainda que extremamente pequena, comunidade africana não futebolística residente em Portugal durante o período colonial. Estas sessões indispensáveis permitiram-me reconstruir as vidas dos atletas africanos nas

colónias, incluindo: as suas origens sociais, a sua ascensão através das várias ligas nos respetivos contextos e através de diferentes épocas, os vários desafios enfrentados enquanto desfrutavam deste sucesso desportivo, e a eventual atenção que os clubes metropolitanos lhes davam. Além disso, os seus testemunhos mostraram as, compreensivamente, ansiosas partidas das colónias, as viagens para Portugal, que muitas vezes duravam semanas, as descobertas sociais importantes que acumularam durante essas jornadas, e a forma como a experiência de viajar solidificava os laços entre os migrantes, independentemente da raça, que compartilhavam pontos comuns de partida. Finalmente, este testemunho revelou-se igualmente crucial na tentativa de compreender as experiências sociais dos jogadores de futebol na metrópole e para entender melhor o papel (ou os papéis) que eles queriam que o futebol tivesse nas suas vidas, especialmente no caso daqueles que procuraram consolidar as suas vidas pós-desporto, procurando estrategicamente oportunidades de emprego educacionais ou de longo prazo. De facto, a grande parte dos meus informadores, habituados a responder a incontáveis e virtualmente idênticas perguntas sobre os seus feitos futebolísticos em Portugal, ficaram agradavelmente surpreendidos – sem dúvida, até perplexos – quando os questioneei acerca das suas experiências quotidianas e relevantes fora do campo.³⁴

Organização

Ao longo de uma série de capítulos vagamente cronológicos, considero o desenvolvimento do futebol nas colónias e, posteriormente, traço as histórias destes atletas à medida que eles desfrutavam do sucesso inicial em África e, conseqüentemente, se mudavam para Portugal, gerindo um ambiente metropolitano que era, ao mesmo tempo, vagamente familiar e inquietantemente desconhecido. Utilizando a evidência arquivística e oral acima mencionada, realço a mudança ao longo do tempo dentro de cada capítulo temático, a fim de fornecer uma compreensão diacrónica das várias configurações e das diferentes formas como os futebolistas navegavam nestes ambientes.

O «Capítulo 2» oferece um panorama fundamental do império português em África, incluindo os ambientes em mudança com os quais os indígenas

INTRODUÇÃO

diariamente lidavam. Para destacar estes contextos, considero os antecedentes sociais dos futebolistas emigrantes, muitos dos quais mestiços ou membros intermediários da sociedade colonial. Este capítulo também explora a introdução do futebol no império africano de Portugal por uma variedade de agentes, cujos interesses muitas vezes se sobrepunham, e o papel que os jornais e a rádio desempenharam na popularização do desporto. Tanto os praticantes, como os fãs, catalisaram este crescimento, consumindo ansiosamente os desenvolvimentos do futebol da metrópole e de todo o mundo, e formando rapidamente alianças com clubes portugueses.

O «Capítulo 3» examina as várias maneiras como os africanos começaram a praticar a modalidade, inclusive formando clubes «nativos» e associações (ligas). Inicialmente impedidos de participar em associações reservadas aos praticantes brancos, os africanos começaram gradualmente a organizar as suas próprias versões. Com o tempo, mestiços e jogadores negros foram convidados para jogar nas ligas outrora só para brancos nas colónias, e esta barreira racial foi dissolvida, naquele que foi o primeiro passo para que os melhores jogadores – independentemente da raça – mostrassem as suas habilidades na metrópole. O capítulo analisa ainda mais os antecedentes sociais desses futebolistas e também o processo de exposição e ajuste cultural que começou nas colónias – em agregados de raça mista, em clubes racialmente integrados comandados por treinadores portugueses, e nos locais de trabalho – e que, coletivamente, desempenhou um papel fundamental no sucesso do atleta migrante na metrópole, tanto dentro, como fora do campo.

O «Capítulo 4» explora as motivações do regime para permitir que estes futebolistas se deslocassem para Portugal, bem como os processos de prospeção e assinatura que avançaram e facilitaram as saídas. O capítulo liga explicitamente a África e a Europa, seguindo os atletas que realizavam longas viagens das colónias para a metrópole, durante as quais frequentemente estabeleciam ou aprofundavam relações com outros atletas migrantes, bem como com outros passageiros portugueses. Após a chegada, estes jogadores permaneciam sob a custódia dos seus novos clubes, que os apoiavam materialmente e os ajudavam a ajustar-se aos seus novos ambientes. Embora muitos dos migrantes africanos se estabelecessem na capital, Lisboa, ou nas proximidades, muitos outros seguiram para norte, alguns para sul, e outros ainda, poucos, para o interior oriental do país.

Quanto ao «Capítulo 5», examina a gama de desafios enfrentados pelos jogadores quando tentavam integrar-se na vida em Portugal. A maior parte dessas tribulações atribuíram-se não só à separação dos amigos e da família, como também ao rigor do futebol profissional na Europa. Os futebolistas também enfrentaram outros obstáculos, incluindo a incapacidade de se transferirem para emblemas para além das fronteiras portuguesas, devido ao seu valor propagandístico e à insegurança política do regime, bem como à considerável competitividade e fama que acrescentaram aos clubes e às seleções de Portugal. Em resposta a estas restrições, os jogadores arranjaram um conjunto de estratégias de trabalho para capitalizar as oportunidades disponíveis *dentro* da metrópole. Embora eles confiassem nas suas prodigiosas habilidades futebolísticas para ter sucesso dentro de campo, as táticas laborais aplicadas fora dele constituíam métodos vitais para aqueles que pretendiam explorar as suas situações antes que as suas capacidades atléticas se desvanecessem.

O «Capítulo 6» explora as formas como os jogadores percorreram os ambientes politicamente carregados nas colónias e na metrópole, em especial após deflagrarem as guerras pela independência nos territórios africanos, no início dos anos 60. A maioria dos jogadores evitou a política, pelo menos abertamente, cooperando estrategicamente com uma variedade de entidades, como manifestado em recorrentes, eventualmente normativas, demonstrações de conciliação social e foco profissional. Esta abordagem era, no entanto, por vezes difícil de manter, nomeadamente em momentos de agitação política em Portugal, alturas em que o futebol era utilizado como veículo de protesto popular e de repressão legal. Embora o regime tentasse explorar os jogadores para fins políticos, estes, em geral, mantinham a sua distância da ditadura, numa tentativa de evitar desinteressadamente a associação. A maioria destes atletas lusófonos também não se envolveu em políticas revolucionárias, pelo que, assim, nenhum dos movimentos nacionalistas que operavam nas colónias portuguesas procurou ativamente o seu apoio.

Finalmente, o epílogo considera tanto as situações imediatas como os legados duradouros destes atletas africanos nos anos e nas décadas que se seguiram ao final das suas carreiras. Muitos dos futebolistas reformados permaneceram em Portugal, enquanto outros regressaram às respetivas pátrias ou mudaram-se para outras partes do mundo, formando uma diáspora global de ex-atletas. Seria difícil realçar de forma exagerada os efeitos

INTRODUÇÃO

que estes jogadores tiveram nas equipas portuguesas e, talvez de forma mais visível, numa Seleção Nacional que estava destroçada antes da sua chegada. No entanto, o impacto que tiveram não se limitou ao tempo que duraram as suas carreiras desportivas. Estes «Jackies Robinsons» do futebol mundial estavam entre os primeiros jogadores africanos que, coletivamente, geraram ondas de aspirantes a atletas empenhados em seguir as suas pisadas, dos inúmeros campos e associações do continente para as várias ligas da Europa e mais além.³⁵ Se esses jogadores de futebol lusófonos não tivessem sido tão vigorosos dentro e fora do campo, esta forma de emigração de atletas poderia muito bem não se ter desenvolvido tão rapidamente, nem ter gerado tantos seguidores.